

O Presidente eleito e o nome dos bois

ALOYSIO BIONDI

O GLOBO



ALOYSIO BIONDI é jornalista especializado em Economia

O Presidente eleito, Tancredo Neves, anunciou a intenção de combater as "mordomias" na área oficial. Foi imediatamente compreendido e ganhou aplausos, já que as "mordomias" são um dos problemas mais conhecidos da opinião pública brasileira. O Governo Tancredo Neves encontrará um ambiente totalmente diferente, com dificuldades para que suas mensagens sejam entendidas, quando pretender atacar outras distorções da vida econômica e política do País. Embora elas sejam muito mais graves e danosas que as "mordomias", essas distorções têm sido encobertas por uma cortina de silêncio, ou mesmo por jogos de palavras ou mitos, enganando-se a opinião pública e garantindo-se a sua permanência. O novo Governo enfrentará, assim, a necessidade de esclarecer a opinião pública sobre a real dimensão desses problemas — uma tarefa mais importante do que possa parecer à primeira vista já que, sem esse verdadeiro trabalho reformativo, será impossível ter o apoio da sociedade indispensável diante das pressões que os interesses contrariados certamente desencadearão contra as mudanças.

Como contribuição a essa empreitada do novo Governo, seguem-se alguns exemplos de distorções existentes, e os mitos ou jogos de palavras que têm ajudado a encobri-las, e mantê-las:

Interesse Nacional: em nome do "Interesse Nacional", grandes grupos e setores econômicos têm conseguido sugar trilhões de cruzeiros do Tesouro (que poderiam ser empregados em outras áreas, criando-se emprego, renda, crescimento econômico, reduzindo-se a pobreza e a fome). Fala-se em "Interesse Nacional" (e a opinião pública aplaude, enganada pelo mito), na necessidade de "proteger" certos setores nacionais para desenvolvê-los. E eles ganham reduções de impostos, energia elétrica mais barata, crédito a juros ridículos (O Tesouro paga a diferença em relação à inflação), e assim por diante. Só que todas as atividades desenvolvidas por grandes grupos, no Brasil, vêm variando (falsamente) de "Interesse Nacional". Incentiva-se, às custas do Tesouro e da Nação, as ultralucrativas indústrias de armas, o turismo de luxo, o mar de cana, as grandes plantações (e a concentração da terra), a mineração do ouro etc. — E nesse etecetera se inclui até a especulação com o ouro, ou o café, ou a soja (não é exagero, não: de dois anos para cá, os lucros com a especulação nas chamadas bolsas de mercadorias, nas negociações "a futuro", não pagam imposto de renda. E este País está tão escutelhambado, mas tão escutelhambado, que no ano passado as empresas que especularam nesse mercado não declararam seu lucro, para não pagarem o imposto — mas, quando sofreram prejuízos, lançaram no balanço, para reduzir o imposto. É verdade).

Pressões Externas: Depois que um setor sugou bastante o Tesouro, desviou rios de dinheiro dos incentivos, as fraudes e irregularidades podem provocar uma crise. Quando as fraudes vêm à luz, é muito conveniente, sempre comove a opinião pública e provoca o apoio de setores "nacionalistas", botar a boca no trombone e afirmar que as empresas do setor estão sendo vítimas de "pressões externas". Não se deve deixar de invocar o "orgulho nacional", afirmando-se que há um complô internacional para destruir a indústria brasileira. E o que ocorreu no caso do programa de apoio à indústria naval, pela Sunamam.

Investigação: Não há intenção de divulgar investigações sobre as fraudes. Elas só chegam ao conhecimento da opinião pública quando o setor ou empresas entram em crise. No mesmo caso da Sunamam: os desvios, fraudes etc. só vieram à luz porque alguns bancos, também com problemas, começaram uma campanha pa-

ra tentar receber as dívidas dos estaleiros, forçando o Governo a explicar as razões pelas quais estava pagando. A "cortina de silêncio" em torno das fraudes existe há anos, e a tentativa de enganar a opinião pública permanece: os bancos credores, agora, dizem que não sabiam das irregularidades, e que por isso o Governo deve pagar-lhes as dívidas dos estaleiros. Será crível? O plano de construção de navios já consumiu mais de Cr\$ 10 trilhões (trilhões, mesmo). Os empréstimos aos estaleiros foram gigantescos. Pode-se acreditar que um determinado banco emprestava grandes somas a um estaleiro, para a construção de determinado navio, sem saber que outro banco já fizera o mesmo empréstimo (há casos em que os estaleiros levantaram dois empréstimos sobre um mesmo navio)?

Não há cadastros, troca de informações, pedidos de garantia etc.? A propósito: as fraudes agora investigadas e que vieram à luz de referem apenas aos empréstimos mais recentes, e não pagos. E o que aconteceu nos anos anteriores, desde que o plano foi lançado em 1967? Quantos bilhões ou trilhões foram desviados ao longo dos anos sem que se falasse nisso? Anjos — Durante anos, instituições fazem "jogadas" no mercado financeiro; indústrias contrabandeiam componentes, peças etc., grandes produtores e empresas agrícolas desviam o crédito subsidiado pelo Tesouro etc. Quando há "estouros" j todo mundo diz que "ninguém sabia de nada". Nem no Governo. Nem na área empresarial. Durante anos, a "cortina de silêncio". Depois, a mentira.

Demônios — os "anjos", os "que não sabiam" das distorções e fraudes, usam ainda de outra tática (além de proclamar que são cegos e surdos) para enganar a opinião pública. Apresentam os que "estouraram", os que "não dão certo", como "demônios". Como marginais, há um estouro no mercado financeiro. O empresário de ontem é apresentado como se fosse um "vigarista", um "estelionatário" (quando as mesmas práticas que o levaram a quebrar continuam a ser praticadas no mercado). Descobre-se que grandes redes de hospitais, grandes empresas "prestadoras de serviços de saúde" sugam o INPS, com fraudes de todo o tipo? Fala-se que são "quadrilhas" — e não organizações empresariais fraudadoras. E etecetera.

Escândalos — não há, na verdade "escândalos", no Brasil. "Escândalos" são, apenas, os casos de empresas que não deram certo. Que se beneficiaram de privilégios da política econômica, ou de fraudes consentidas, e apesar disso estouraram. Prova? Quando Delfin" estourou o "escândalo da " que pagou dívidas ao BNH pelo valor que os terrenos "teriam" daí a muitos anos, o próprio Presidente do BNH declarou que não entendia a indignação, pois esse tipo de transação já fora feita com muitas outras organizações do mercado, pois não ficou sabendo porque elas não "estouraram". Outra prova? As cooperativas de agricultores do Rio Grande do Sul praticaram fraudes na exportação de soja (com perda de dólares para o País), nunca detectadas ou reveladas pela Cacex. Somente quando elas "estouraram" (e voltaram a ganhar auxílio de trilhões de cruzeiros do Tesouro) é que a documentação mostrando as fraudes foi publicada.

Parece o suficiente, para começar a rasgar a "cortina de silêncio".